

O DELFIM
ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA
DE JOSÉ CARDOSO PIRES

O D E L F I M

adaptação cinematográfica
de
J o s é C a r d o s o P i r e s

que constitui o texto de base do
argumento do filme, ~~elaborado~~
~~por José Cardoso Pires~~.

*Concordo com esta versão do
argumento de José Cardoso Pires (59 pág.)*

António de Almeida



A narrativa cinematográfica de O DELFIM desenvolve-se em tres planos:

- 1973 - acção da filmagem da história, em que o Realizador contracena com os actores e pessoal da equipa;
- 1972 - acontecimentos ocorridos, um ano antes, quando o Realizador visitou a Gafeira pela segunda vez, então na sua qualidade de turista que pretende, a título pessoal, fazer um breve documentário da abertura da caça; e
- S/D - acontecimentos ocorridos sem data, evocados durante essa visita pelo Realizador em contacto com a paisagem e com os habitantes; essas reconstituições referem-se à sua anterior estadia na Gafeira (1971) e a episódios "históricos" que então lhe foram contados ou sugeridos pelo Engenheiro e outros.

As indicações de página que se incluem no texto referem-se à edição portuguesa de O DELFIM, Moraes Ed, Lisboa.



a --

Lagoa de madrugada. Pesquisa do cadaver de Maria das Mercês, (pags. 355 e 357-60). o corpo ao ser retirado da água, emergindo até meio tronco: rosto escorrido, com equimoses, pescoço traçado por dois rasgões.

Engenheiro: Enterrem-me essa cabra!
Silêncio.

b --

Realizador, off: Corta!

c --

Movimentos de camara, mostrando que se está em filmagens. Actores, material, projectores. Automoveis. Curiosos à distância. Station de filmagens. Homem com claquette onde se lê "Delfim/1973/seq. LAGOA". O Realizador vai ao carro (um Citroen DS), e atira para cima do assento o cachecol e o guião. Regressa ao ponto onde estava.

d --

O Engenheiro, que acabou a filmagem, chega a esse mesmo local.

e --

Realizador: Mais eco, pá. Tens que berrar, percebes?
Enté-rreem-méssa-cáaabra!

Engenheiro: Então, não foi o que eu disse?

Realizador: Ora... (Pausa breve, e num repelão súbito):
Enterrem-meessa-caáabra...! Assim. Como se estivesse a gritar para a eternidade!

No pessoal de filmagem algumas vozes repetem: "Entéerremé-ssa-caáa..." em tom levemente divertido.

f --

Aproxima-se Maria das Mercês, agasalhada num cobertor e com a cabeça ainda envolvida pela toalha com que secou o cabelo. Tem os pés nus enfiados numas botas de cano, de borracha. Fuma e cantarola o



tema de O Delfim. Recebe uma garrafa de whisky que leva à boca.

g --

Musica insinuando-se na voz cantarolada, acabando por cobrir a cena, à medida que a câmara se aproxima e se demora sobre o DS do Realizador, detendo-se sobre a janela lateral.

h --

Na janela lateral, perfil impreciso do Realizador ao volante. O carro desliza numa estrada.

GENÉRICO DO FILME

C A P Í T U L O A

1. A VIAGEM PARA A CAFEIRA, 1973-1972

a --

O carro cruza-se com operários-camponeses de bicicleta e com dois guardas em patrulha, um de cada lado da estrada. Tema musical em primeiro plano.

b --

Paragem junto de um posto de gasolina para abastecimento. O Realizador sai. Está vestido de maneira diferente e o carro é aquele que possuía um ano antes, um Fiat.

c --

Realizador recomeça a viagem. Fim da musica.

Voz de locutor: "Transmitimos o tema musical do filme O Delfim."

Breve indicativo sonoro.

"Lisboa, Emissora Nacional, Programa da manhã. Acabaram de ouvir o sinal horário das sete." Pausa. Separador.

Voz de Fernando Pessoa: "Caminhando Para Um Mundo Melhor! Programa da Associação Industrial Portuguesa em colaboração com a EN. As recentes declarações dos astronautas americanos sobre as amostragens colhidas na ultima viagem à lua confirmam, sem sombra de dúvida, que é neste planeta que Deus nos destinou que o homem terá de fundamentar, ainda por largos anos, as suas esperanças num mundo melhor. Uma arreigada convicção de cristandade..."



O Realizador procura outra estação de rádio. Volta a apanhar a mesma por instantes: "...nesse sentido o exemplo de trabalho que os nossos emigrantes estão fornecendo dia a dia nos países da Europa e da América constitui um crédito moral e material de que justamente nos orgulhamos e numa consequente histórica da iniciativa e do rasgo dos velhos portugueses que, colonizando e missionalizando, souberam dar novos mundos ao mundo."

O Realizador desliga o rádio.

d --

Chegada ao largo da Gafeira.

2. GAFEIRA 1972 - LOJA DO REGEDOR

a --

Realizador entra na loja do Regedor. Calendários americanos nas paredes, edital sobre a emigração. Placa: "Banco de Angola, Delegação". Anúncios de Pólvoras e Cartuxos. Cartaz: "Grande Cortejo das Oferendas de 1972". Uma charrua nova arrumada a um canto. Penduradas no tecto, pás e ancinhos.

Alguns homens, entre esses, o Cauteleiro.

É domingo.

No decorrer da cena entram e saem gafeirenses que vão para a missa na igreja em frente: camponeses, filhos de emigrantes com transistores e trajando roupa estrangeira, "viúvas de vivos" vestindo luto pelos maridos ausentes, etc..

Regedor: Seja muito bem vindo!

Realizador, aperta-lhe a mão e ao cauteleiro. Aos restantes cumprimenta-os com um "Meus senhores..." que eles retribuem com um "Bom dia", alguns levando a mão ao chapéu.

Regedor: Veio então à abertura da caça, não é verdade? Pois olhe que este ano vai ser uma coisa valente. Só de espingardas de fora já temos o dobro do ano passado.

Cauteleiro: O dobro? Upa, upa. Só na pousada da Vila já estão para cima de cinquenta caçadores.

Realizador: Ótimo. Com espingardas de fora é que se faz o mealheiro... Não era como o amigo dizia? Ainda cá tem da tal aguardente?



Regedor: Então não havia de ter?
Vai buscar uma garrafa e um copo.

Realizador: Sirva-se também, faça favor.

Regedor: Obrigado. Agora não vai.

Realizador: E o senhor?

O Cauteleiro aceita com um gesto.

Realizador para os restantes: São servidos? Sem cerimónia...

Regedor: Pois é verdade. Isto este ano dá mostras de melhorar.
Compreende-se... As licenças são mais fáceis, a lagoa
desde que o Engenheiro deixou de ter mão nela passou
a andar mais limpa...

Cauteleiro: Passou ao povo, está tudo dito. Dantes o Infante
deitava para lá toda a trampa (com sua licença)
~~que lhe dava na gana~~ e a gente que se tramasse.
Mas fornicou-se, que agora quem ordena ali é o
povo.

b --

Entram duas viúvas-de-Vivos. Uma delas, muito jovem, vem vender
marcos.

A Viuva mais velha, enquanto se processa a transacção: E os
francos? Como é que vocemecê está a com-
prar os francos?

Regedor, consultando as cotações: O franco ~~está~~ a 3\$60.

A outra Viuva: Mulher, e o cabrão da Vila que nos comprou a
3\$50, não queres tu ver?

Regedor, em tom brejeiro, intencional: Bem feito. Vocês só
~~gostam de~~ se meterem com os da Vila...

Viuva mais velha: Na Vila ou aqui é tudo a mesma ladroagem.

Regedor: Parece-te. Vê lá se tu foste buscar homem à Vila.
Tambem, para te dar o tratamento que o teu te dá...
Há quanto tempo é que tu não lhe vês as ceroulas,
diz lá?

Viuva mais velha: E você rala-se?

Regedor: Então não me hei-de ralar? Uma coisa assim a desper-
diçar-se...



Viuva jovem, olhando para a outra com ar subentendido: Não desperdiça, não, esteja descansado. Deus o li-
vrasse a você de andar nos trabalhos que ela an-
da quando o homem ~~ela~~ chega de férias.

Regedor: E até lá?

Viuva mais velha: Bom, pouca conversa.

A Viuva: Até lá vocês aquecem o forno com o palavreado,
que é para quando ^{o nosso homem} ~~eles~~ chegarem.

Viuva mais velha para o Regedor: Despache-se ande. Dê-me mas
é o dinheiro, que não quero perder a missa.

Saiem a rir.

Cauteleiro: Andam encamadas, as almas do diabo. Trazem mais
fogo pelas pernas acima que uma ^{chama} ~~fogueira~~ do pur-
gatório.

c --

O Realizador olha de dentro da loja o largo e a igreja que se vai
enchendo de gafeirenses.

Realizador: Tudo na mesma...

Regedor: ~~Tudo na mesma.~~ "Tudo como dantes, só campeiam os
tratantes."

Cauteleiro: ~~Na mesma, na mesma.~~ ^{Como dantes, como dantes}... é um modo de dizer. Alguma
coisa ^{há} de ter mudado desde que a Casa da Lagoa
foi ao ar.

Realizador: E o Engenheiro?

Cauteleiro: O Engenheiro levou sumigo. Foi para a raiz da mãe
dele e mais dos infantes que o pariram.

Regedor: Tem piada que eu ia precisamente perguntar-lhe
por ele. ~~Enfim~~, ^{Enfim} fúidei que o tivesse visto lá
por Lisboa...

Cauteleiro: Bares, nos bares é que ele se queria.

Realizador: Pelo menos na fábrica não-de saber onde é que
ele pára.

Regedor: Nada. Volta não volta o povo diz que aparece por
aí a rondar mas são vozes, compreende?

Um camponês: Também digo. Com o orgulho que ele tem não é



homem para tornar a pôr os pés aqui.

Cauteleiro: Orgulho? Medo, queres tu dizer! Ou ele não sabe que a polícia anda em cima dele?

Regedor: Deixa-o falar...

Camponês: Disse o doutor da autópsia, aí, onde vocemecê está, que ~~o coração~~ ^{uma um coração} do Domingos ~~era~~ mais pequeno que ~~o coração~~ dum passarinho. Morreu sem um pio, o infeliz.

Cauteleiro: E tu acreditas, não?

Camponês: Disse o doutor da autópsia...

Cauteleiro: O doutor da autópsia, o doutor da autópsia... O doutor da autópsia é da mesma raça do infante. Defende-o, compreende? Se o Domingos não tivesse sido morto não andava a polícia preocupada como anda.

Regedor: Preocupada? (Para o Realizador:) Esta gente é de tal ordem que até já consta que o criado aparece à noite em lobishomem maneta.

Realizador: O Domingos?

Regedor: É verdade. Cão maneta, calcule.

Camponês: Com um pano enrolado ao pescoço que é como dizem que a dona Mercês o matou.

Regedor para o Realizador: Está a ver?

Cauteleiro: Seja lá como for, o que é certo é que numa noite se mataram todos uns aos outros. Essa é que é essa. A dona Mercês matou o criado...

Regedor: Matou nada.

Cauteleiro: ... E o infante chegou a casa, viu aquele espectáculo e, zás foi-se à mulher.

Regedor: Modos, homem... Tem modos.

Cauteleiro: Então a gente não sabe? o Infante perdoava lá que lhe matassem o criado?

Realizador: Está fechada, a casa?



Regedor: Está lá a velhota.

Cauteleiro: E os cães. Amanhã quando for a caçada vai ser o cabo dos trabalhos para os segurar.

Regedor: Os cães há muito que ^{desapareceram} saíram de lá.

Um cliente escolhe cartuxos ao balcão. Toca a 'sanctus' na igreja: os homens da taberna tiram o chapéu e um deles pausa o copo e benze-se; depois emborça o resto do vinho.

Cauteleiro, dando-lhe uma palmada trocista: Bebei, este é o meu sangue...

Regedor: Anda lá, anda, que qualquer dia lixas-te.

Cauteleiro: Ora essa? Enão não é o que o padre diz na missa? "Irmãos, este é o meu sangue..."

Regedor: Isso. Daqui a pouco está tudo cheio de gente de fora e não ponhas tu cobro na língua...

Cauteleiro: A gente de fora quer é patos. Além disso a minha política é o trabalho e nunca me dei mal com isso. Vocemecê com essas críticas é que me está a pôr na boca sentidos que eu nunca tive.

Cliente dos cartuxos: A semana passada levaram dois da fábrica da Cerâmica.

Camponês: Diz que sim. Diz que vieram de propósito de Lisboa para os agarrar.

O Cauteleiro vem até à porta da loja. A multidão de fieis transborda da igreja para o largo.

3. GAFEIRA 1972 - LARGO

a --

Saída da missa. Sinos. Uma camioneta de feirantes põe-se a transmitir anúncios e musica pelo altifalante.

b --

A Dona da Pensão, acompanhada da Criadita, vê o Fiat do Realizador e vai até à porta do estabelecimento do Regedor.

O Realizador vem lá de dentro e cumprimenta-a.

Os três dirigem-se para o Fiat e descarregam a bagagem: câmara de



filmar e latas de película.

Enquanto procedem à descarga e no caminho para a Pensão o Realizador fala dos objectivos da viagem: fazer alguns planos documentais da abertura da caça.

4. GAFEIRA 1972 - PENSÃO

a --

Quarto de Pensão. Realizador e Hospedeira em diálogo (pags. 40-45 e 54) entrecortado por idas e vindas da Criadita onde se fala da tragédia da Casa da Lagoa e onde o Realizador esclarece as razões da sua vinda à Gafeira.

5. CASA DA LAGOA 1972

a --

Regedor, Cauteleiro e Realizador seguem no Fiat a caminho da Casa da Lagoa. Brevíssimo diálogo acerca da documentação cinematográfica que o Realizador pretende fazer.

Chegam ao pátio onde o Cauteleiro se deixa ficar enquanto os outros vão procurar Aninhas. O canil está abandonado, mas vêem-se nele duas grossíssimas correntes com as respectivas coleiras.

b --

Aninhas surge à porta duma dependência - - bodegón - onde estava a estender batatas no sobrado.

Regedor: Viva, tia Ana. Lembra-se deste senhor?

Aninhas: Então não me havia de lembrar? Esteve aqui o ano passado com o senhor Engenheiro.

Recomeçou a tarefa de estender as batatas pelo chão, como se estivesse pouco interessada nos visitantes.

Realizador e Regedor avançam dois passos para dentro do bodegón.

E uma sala rustica, decorada com cartazes de touros, disticos e datas nas paredes, recordações de lugares tipicos e algumas fotos (cap. IX).

Regedor, olhando à volta e como que para fazer conversa: Está então a tratar das batatas?

Aninhas, sem se interromper: Tem de ser, ~~senhor.~~



Regedor para o Realizador: Vá lá que estas não estão más.
^{Tem muita,}
~~Vocês~~ este ano teve ~~muita batata~~?

Aninhas: ^{chegou} Para mim ~~chegarem~~. Mesmo que fosse pouca, já
sobejavam. (Para o Realizador mas sem levantar
os olhos do trabalho:) Veio aos patos, não é?

Realizador: Sim, venho ver a caçada.

Aproxima-se duma foto do Engenheiro que olha com atenção.

Regedor: Vem fazer um filme. Uma coisa para o cinema.

Aninhas, rápida: Aqui? Na casa?

Realizador: Não. Um filme sobre a lagoa, sobre isto tudo à
volta.

Aninhas: Compreendo.

O Realizador está a observar uma foto-montagem em que se vê o En-
genheiro Palma Bravo com os dois cães a bordo do Jaguar; de pé o
criado Domingos e, à distância, esfumada, Maria das Mercês.
Colada, uma figura de cartoon (Asterix) com um comentário em balão:
"Chegou a Sagrada Família!"

Regedor: A gente é que não sabe dar valor às coisas que
tem. Um filme com tudo o que há por aí pode dar
uma coisa de primeira. Mais a mais a cores...
(Para o Realizador:) E a cores, não é? Pois. A
cores, tia Ana, com essa verdura por aí fora, não
faltarão turistas curiosos para disrutar este
vale.

Aninhas murmura qualquer coisa.

Regedor: Como?

Aninhas: Nada.

6. LAGOA 1972

a --

Regedor e Realizador descem a encosta para a lagoa.

Regedor: Ali, naquela cave onde nós estivemos, deram-se
noitadas que nem queira saber.



b --

Juntou-se-lhes o Cauteleiro, vindo de algures do meio da mata.

Cauteleiro: Chut... Não está a ouvir?

Realizador: Não ouço nada.

Cauteleiro: Os cães. Escute...

c --

A beira da lagoa, no pântano da Urdiceira. O Regedor descreve o itinerário da fuga para a morte de Maria das Mercês (pag. 356) que é acompanhada em documentário de imagens sem som. Ruído da câmara ao filmar.

Regedor: Neste sítio é que ela entrou no pântano (a câmara foca o terreno em vários ângulos). Veio lá de cima, pelo meio daquele mato de espinheiros - lembra-se? - e, bem entendido, às escuras, no meio da noite, rasgou-se toda por aí abaixo.

Cauteleiro: Tinha o corpo moido de pancadas.

Regedor: E ele a dar-lhe. Acaso tu viste o cadáver?

Cauteleiro: Mas sei quem viu. E olhe que ainda tinha os dedos do marido bem marcados no pescoço.

Regedor: Homem, os autos são bem explicitos. Os autos, ouviste tu duma vez para sempre?, não fazem a mínima referência a crime ou coisa que se pareça. E, porra, Manel Cauteleiro, deixa-te mas é de coisas que este senhor sabe muito bem o que se passou.

Realizador: Mais ou menos.

Regedor: E os autos são explicitos. E a autópsia não acusou tanto como isto em matéria de crime, ouviste? E tu e essa maltesaria linguareira, com tanto badalar em crimes e em fantasmas, só fazem é afugentar os turistas. Entendes, Manel Cauteleiro? Entendes agora? (Domina-se. Para o Realizador:) Além, no meio dos eucaliptos, encontraram-lhe o fio de ouro. Andou mais de dois quilómetros desde casa até aqui. Dois quilómetros. Para mais e não para menos.

Realizador, olhando em redor: Não lembra ao diabo escolher



12

um sfo destes para morrer.

Os três começam a afastar-se lentamente ao longo da margem da lagoa.

Regedor: Variou, compreende? Tanto assim que ia nua e tudo, ~~De~~ cabeça perdida.

Realizador: Nua?

Regedor: Nua como quando Deus a deitou ao mundo. Isso posso eu testemunhar, que a vi sair da lagoa acolá. A morte do criado, mais a mais naquelas circunstâncias, deve-lhe ter dado volta à cabeça, e atirou-se às cegas por aí abaixo. (Como uma censura indirecta ao Cauteleiro:) A gente temos que ser compreensivos, não é assim? Uma desgraça daquelas transtorna qualquer pessoa.

Realizador: Dá a ideia que ia em direcção ao mar.

Regedor: É também para onde eu me inclino. Só assim se explica que tenha caído na Urdiceira. Se fosse na maré cheia o mar levava-a que era um ar que lhe dava. Assim ficou presa na lagoa.

Realizador: E o Engenheiro?

Regedor: O Engenheiro, como tive ocasião de dizer, só chegou pela madrugada.

Cauteleiro: Andava com as putas da alta. Estava tão podre de bebedo que nem soube o que fez.

Regedor: Bebedo?

Cauteleiro: Bebedo, bebedo! A bebedeira só lhe passou quando viu a mulher morta. E mentira, não?

Regedor: Manel Cauteleiro, eu estava lá. Vi tudo.

Cauteleiro: Então se viu sabe muito bem que ele nem foi capaz de a encarar. "Enterrem-me essa cabra!" (grita mais alto, esbraceja e grita cada vez mais alto, como se fosse o Engenheiro:) "Enter-rem m'essacáá-bra!"

Nesse momento está no local exacto onde se encontrava o Palma Bravo quando o corpo de Maria das Mercês emergiu da lagoa.



C A P Í T U L O E

1. LISBOA, ROYAL BAR, 1973

a --

Frente à entrada do Royal Bar, o DS do Realizador.

b --

Interior do Bar. Numa mesa dois clientes jogam poker de dados com uma pèga sofisticada. Alusões aos "terroristas" e aos monges do Vietnam (p.212).

c --

Ao balcão um lavrador citadino está ao telefone. Liga para a Herdade e para a maternidade, procurando saber notícias do nascimento do filho dum criado. Fala para três amigos que deixou na sua mesa. Promete champanhe francês se "lhe sair um par de tomates" mas entretanto vai já bebendo à conta. Conta a festa do lavrador Melchior, seu compadre (pags. 150, 159 e 172).

princípio do genérico

d --

Noutra mesa, o Realizador discute com o Procurador ^{pormenores} ~~problemas~~ da filmagem de O Delfim.

Abordam problemas de Censura e do Fundo de Cinema, aludindo brevemente à febre da Bolsa.

Realizador: Para mim a figura do Engenheiro não é fundamental. Quando o conheci o ano passado, estava longe de pensar num filme sobre ele ou sobre a Gafeira.

Produtor: Os bares onde ele ia deviam ser deste genero.

Realizador: Mais ou menos. Bares e clubes tauromáquicos...prai. De resto só o encontrei uma ou duas vezes em Lisboa.

e --

O criado informa o Produtor de que a chamada para Madrid está a responder. Este dirige-se a uma cabina.

f --

O Realizador, sosinho, começa a analisar os fotogramas do peixe sagrado e da Urdiceira.

fim do genérico



2. GAFEIRA 1972

a --

A partir do fotograma da Urdiceira, a mão do Realizador vai passando os restantes que se iluminam sucessivamente como que a fazer a sequência de um itinerário que se anima (entretanto começa a ouvir-se o ruído do mar) e que se transforma num percurso da câmara pela encosta acima até à

b --

fachada da Casa da Lagoa. Ouvem-se risos.

3. CASA DA LAGOA 1972

a --

Living voltado sobre a lagoa. Televisão muda, desfilando imagens de padres, militares, guerra de Angola, Marcelo Caetano. Revistas estrangeiras, o "Notícias da Comarca" e um exemplar da "Cruzada do Beato D. Bosco". Quadro a óleo representando Maria das Mercês a cavalo, com chapéu mazantini. Espelho alto a um canto. Aninhas passa em serviço.

Engenheiro e Maria das Mercês convivem com o Realizador. Diálogo sobre a morte, os peixes e a esterilidade (pags. 65-76).

b --

Os três vêm à varanda. Domingos, no pátio, limpa as velas do Jaguar (pag. 270). "Domingos, o intocável," comenta a certa altura Maria das Mercês.

Fiat do Realizador ao fundo do pátio.

Domingos: Está quase pronto, patrão.

c --

O Realizador e os donos da casa regressam ao "living". Continuação de 3a. A dada altura ouvem o Jaguar a arrancar.

Maria das Mercês: Mandáste-o a algum lado?

Engenheiro: Deve ter ido experimentar o carro.

Maria das Mercês: Espantoso. O tipo faz o que quer e para ti está ~~espetacular~~ tudo bem.

4-4-72 PARA CA 2112, 1972

incomplete



4. VIAGEM PARA A VILA, 1972

a --

Domingos ao atravessar a Cafeira, a caminho da Vila, encontra um Mercedes de matrícula alemã a barrar-lhe o caminho. Toca o claxon.

b --

De uma taberna, garrafa de cerveja na mão, surge um emigrante em férias.

Domingos: Então, ó amigo, isso é que são maneiras de deixar o carro?

Emigrante: O carro é meu e não deve nada ao seu patrão.

O emigrante arruma o automóvel e Domingos segue viagem.

↓
incompleto

- 5- Estalagem de Olinda: Domingos e Maria da Paz.
- 6- Cena do Bodegon que termina com o Eng. a mijar de alto para baixo.



C A P Í T U L O C

1. ROYAL BAR, 1973

a --

A porta do bar, o DS do Realizador e o Jaguar do Engenheiro Tomás Manuel.

b --

A mesma mesa e os mesmos personagens de B-1b. Jogando poker ^c como ^{de dados} se fosse essa ^{sua} ^{ocupação} eterna ~~dele~~. A mulher traz uma cabeleira mais arrojada e os homens vestem de modo diferente da cena anterior, um deles com flor na lapela.

Alusões ainda aos terroristas e aos monges do Vietnam.

Cliente A: Não vale. Esse nove é terrorista.

Cliente B: Todos os nove são terroristas. Valem por tudo o que é preciso.

início do genérico

Diálogo a propósito dos maridos que apostavam as mulheres ao jogo (pag.....) e das mulheres que se conhecem pelos dentes (pag.105 e 106).

2. ROYAL BAR, S/D

a --

As mesmas personagens e o mesmo décor anterior.

b --

De costas para a câmara, o Engenheiro está a uma mesa com a Dama das Unhas de Prata, Gatucha, que neste momento conversa ao telefone com alguém.

Pela expressão e pelos trejeitos de Gatucha percebe-se que há nela desprezo e impaciência por terminar o telefonema, mas domina-se e responde com voz artificialmente sentimental às insistências do interlocutor. De vez em quando tapa o bocal e suspira de cansaço. Enquanto se desenvolve o telefonema, o Engenheiro brinca com ela, faz-lhe negaças como que para a desconcertar. Uma vez divertida, outras assustada, a jovem pede-lhe silêncio com gestos, esquivando-se das suas arremetidas.

A certa altura o Engenheiro tira-lhe a pequena bolsa com uma agenda que ela tinha na mão. Perante a tentativa de Gatucha para a recupe-



rar, ele afasta-se do seu alcance e põe-se a desfolhar a agenda. A cada página faz gestos de falsa surpresa ou de misteriosas ameaças que a jovem acompanha, um tanto divertida, *enquanto fala ao telefone*.

Na bolsinha, o Engenheiro encontra o retrato de um cavalheiro que, trajando smoking, aparenta 65 anos. Trata-se visivelmente de um pormenor recortado de uma fotografia de conjunto, relativa a qualquer cerimónia.

O Engenheiro ergue-a como se fosse um troféu e, brincando sempre, finge que a rasga, tomado de ciumes. Gatucha, sem se mostrar inquieta, responde-lhe com um manguito disfarçado.

fim do genérico

c --

Gatucha, ao terminar o telefonema: Este gajo dá comigo em doida.

Engenheiro retomando o lugar à mesa e restituindo-lhe o retrato: Tem uma bela peitaca. Quase não lhe cabe no smoking.

Gatucha, sem o ouvir: Insuportável... Juro que é, Tomás. Não viste como o tipo se pôs logo com partes quando eu lhe disse que não voltava a casa antes do jantar?

Engenheiro: Tinhas alguma coisa combinada com ele para esta tarde?

Gatucha: Tenho sempre. Sempre. Todas as tardes são dele. As que ele quiser, o estupor. Mas qualquer dia acabo ^{ou a casa} com ~~ele~~. (Olha de frente para o Engenheiro:) Palavra que acabo. Hei-de puxar tanto ~~pelo~~ ^{por esse} velho que qualquer dia dá-lhe o badagaio.

Engenheiro, rindo: Mete-lhe eustos. Fala-lhe dos comunistas. Ou então logo em cima de cada furnicadela leva-o para o duche. Duche a dois, que é que ^{o tipo} ~~ele~~ quer melhor?

Gatucha: Safado. As confusões que ele arranjou só porque eu lhe disse que não sabia a que horas voltava.

Engenheiro: Vai por mim. Aplica-lhe a receita do duche.

Faz sinal ao criado para lhe trazer a conta.

Duche frio, está claro.



18

Gatucha: Isso, ainda por cima frio.

Engenheiro: Então? o amor vence tudo. Quem ama acaloradamente não precisa de termómetro.

Gatucha: Está bem, mas com duche frio quem se apagava era eu.

d --

Salem, cada qual toma o seu carro.

e --

Estrada marginal. O Jaguar do Engenheiro segue o carro da Dama das Unhas de Prata.

f --

A entrada do Estoril, Gatucha, a jovem das Unhas de Prata vê passar o Mercedes negro ^(e cortinado) do Desembargador, que se perde numa transversal. Ablanda. Faz sinal ao Engenheiro para parar.

g --

O Engenheiro sai do carro.

Gatucha: ~~Pessoa~~ Mesmo agora ali atrás!

Engenheiro: O velho?

Gatucha: O velho, pois. Mas, hoje é que é, hoje acabo-lhe com a raça. Puxo por ele até o estoirar.

Engenheiro, rindo: Pior. Assim é que o tipo se convence que estás ^{doída} ~~merda~~ por ele.

Gatucha, arrancando: Ciao. (Acelera furiosamente) Merda... Merda...merda...

h --

O Engenheiro regressa a Lisboa. Na estrada cruza-se com o velho, que não reconhece mas que anda visivelmente a rondar a zona.

2. ROYAL BAR, S/D

a --

Domingos pede ao porteiro para falar ao Engenheiro.

b --

O Engenheiro janta sozinho. Manda entrar o mestiço e obriga-o a sentar à mesa. Pergunta-lhe se já jantou.

Domingos: Patrão...

Engenheiro: Queres ir para casa, não é? (Chama o criado:) Uma



cerveja.

Domingos percebe que a b bida   para ele.

Engenheiro: Estás morto por te ver em casa.

Domingos: Tenho ~~uma~~ camioneta  s onze e vinte.

Engenheiro: Tens mas é uma merda. Vieste comigo, sa s comigo.
Entendido?

c --

Saem do Royal Bar. Passam por cima de fios ("Cuidado, p " diz o Engenheiro ao Domingos) e quase tocam com a cabeça num projector de filmagens. Em cima do balcão do vestiário há uma claquette ("O Delfim" - Bar) misturada com outros objectos de filmagem. De nada disto eles tomam conhecimento, ao dirigirem-se para a rua.

d --

Criados e clientes que se encontram no bar deixam os seus postos de figuração e conversam com o Realizador.

3. LISBOA, CAIS DO SODRÉ, S/D

a --

Noite. No Jaguar o Engenheiro e Domingos det m-se   porta dum bar onde entram prostitutas jovens que lhes deitam olhares.

Engenheiro: P , o material aqui não é nada mau. (Faz men o de abrir a porta para sair, mas sente que Domingos está resignadamente contrariado. Arranca, assobiando com desespero. Tempos depois:) P ro-las a porcos. Sabes o que   deitar pérolas a porcos?

4. POSTO SHELL, S/D

a --

Saída de Lisboa. Seguem durante alguns metros um autocarro de peregrinos com um letreiro nas traseiras: "FÁTIMA, CRUZADA PELA PAZ". Prostitutas de estrada nas vizinhanças de um posto de gasolina.

b --

O Engenheiro, ao ver o bar decide subitamente arrumar o carro num desvio para estacionamento.

Engenheiro: Vamos beber o último para a estrada.



Domingos segue-o Olha disfarçadamente o relógio.

c --

A entrada do bar uma prostituta (Mizete) desvia-se para lhes dar passagem.

Sentam-se a uma mesa.

Mizete aproxima-se um pouco, põe-se a rondá-los. O Engenheiro chama-a com um sinal e oferece-lhe uma cadeira.

Mizete, estendendo a mão a um e a outro: Mizete, muito prazer. Tenho a impressão que o conheço de qualquer parte.

Engenheiro: Da cama.

Mizete: Não, não é daí.

Engenheiro: Então é da costura. Andámos os dois na mesma mestra.

Mizete descobre uma jovem junto do music-maker.

Mizete: Oh, está ali uma pequena minha amiga. Posso convidá-la?

d --

Quase não espera pelo assentimento do Engenheiro e vai ter com a colega. Breve conversa entre ambas durante a qual Mizete faz alguns esboços de carícias à outra.

Vêm para a mesa do Engenheiro.

e --

Mizete: Apresento a Sabrina...

Engenheiro: Sabrina? E, pá, vocês parecem marcas de motocicletas.

Mizete: Parecemos quê?

Engenheiro: Nada. O que vale é que são giras. (Indica Sabrina a Domingos:) E ou não é gira?

Mizete, intencional: Ainda você não viu nada...

O empregado chega à mesa.

Engenheir: Para mim um whisky. E tu?

Mizete: A mesma coisa. E para ela também.

Sabrina, baixinho: Não quero cá whisky. (Para o empregado:) Pode ser uma laranjada, senhor António. (Justificando-se:) O whisky não me cai bem, e depois?



Engenheiro: Okay. (Para o criado:) Três whiskies e uma laranjada.

Mizete: Laranjada... Tem lá alguma comparação!

Sabrina: A gente para ir para a cama não é obrigada a beber whisky. Ou é?

Mizete: Perguntas-me a mim? (Aponta para Domingos:) Ele é que sabe do que é que gosta na cama. (Solta uma gargalhada). ~~Você~~ ^{um} Gosta mais ~~de~~ whisky ou sem whisky?

Domingos: E conforme...

Mizete: Ah, bom. O homem está-se a chegar. (Nova gargalhada).

Sabrina: Lembras-te do gajo do tractor? Entrou mesmo agora ali.

Mizete, altaneira: Não me interessa. (Para o Domingos:) Você é de Angola?

Sabrina, olhando em direcção ao balcão, desabafa: Sacanão...

Mizete deita água gasosa no whisky: Gosto do whisky com muitos picos. Faz ponta.

Engenheiro: E tira as nódoas.

Sabrina: O gajo já nos topou mas está a armar em despistado.

Mizete, irritada: Bebe a laranjada, mulher.

Domingos: Com licença...

f --

Levanta-se e vai ao WC.

g --

Mizete: Foi na guerra, não foi?

O Engenheiro, distraído e desinteressado, acena vagamente que sim.

Mizete: E logo o braço direito, coitadinho.

Sabrina: Mulher, se todos fossem como eu não ficava um cabrão dum terrorista de pé.

Mizete: Também digo. São tão bandidos que nem este pouparam. E é do sangue deles, estás a ver? (Para



22

o Engenheiro:) Foi na guerra de Angola?

Engenheiro: Não. Foi na Guerra Peninsular.

Sabrina: Guerra Peninsular?

Mizete: Parva. Não vês que o homem está a gozar?

h --

Domingos saiu do WC e detem-se um momento à porta do bar, voltado para a noite.

i --

Sabrina: Gozar com coisas sérias...

Engenheiro: Por isso mesmo. De coisas sérias não se fala na retrete.

Sabrina: E você acha que isto é para aqui alguma retrete?
Domingos regressa à mesa. Mizete agarra rapidamente o Engenheiro pelo braço.

Mizete: Ande, vamos pôr um disco para o seu amigo. (Para Domingos:) Agora não abuse da miuda, que a gente vai ali e volta já.

j --

O Engenheiro afasta-se com Mizete para o music-maker. Também ele pretende deixar o Domingos à vontade.

Como que obedecendo a uma rotina, Mizete chega-se ao Engenheiro, ensaiando movimentos toscos de excitação.

Mizete: Quem canta bem esta música é o António Calvário.
(cantarola)

5. POSTO SHELL, S/D

a --

Chega uma camioneta de peregrinos que ~~entra~~^{entram} o Hino de Fátima.
Bandeiras à janela.

Dístico: "PARÓQUIA DO ALCAIDE, PRESENTE!"

b --

Sai o motorista com duas garrafas de cerveja vazias, no meio de vários peregrinos.



6. BAR DO POSTO SHELL. S/D

a --

Os peregrinos invadem o bar. Alguns correm para o WC, outros pedem café ao balcão.

b --

O Engenheiro escapa-se para a mesa, seguido de Mizete.

c --

Mizete, sentando-se: Pirem-se. Que é que estão vocês a fazer no meio desta confusão do catano? (Para Domingos:) Se fosse a você aproveitava e lavava mas era a miuda para o espada do seu amigo.

d --

Uma freira grotesca arrasta um cão vadio que fila os dentes num enorme rosário que ela traz à cintura. Tenta libertar-se puxando o rosário e benzendo-se. Movimentação à volta do cachorro que acaba por ser corrido a pontapés. Riso geral.

Mizete abre-se em gargalhadas.

Sabrina repreende-a: Tem respeito, mulher. Só os pretos é que fazem pouco da fé de cada um. (Apercebe-se do deslize que cometeu em relação a Domingos e segura-lhe o braço num impulso de arrependimento. Baixinho:) Desculpe, não faça caso.

Silêncio. E depois:

Engenheiro, friamente para Domingos: Se fosse a ti amandava-lhe já uma palmada na dentadura.

Mizete: A pequena não fez por mal.
Não des que?

Sabrina: Uma palmada o quê? Havia de ser bonito!

Domingos olha o relógio:

Engenheiro: Não queres? Fazes bem. Ela também não tem fronha que mereça uma palmada.

Sabrina: Não tenho quê?

Engenheiro: Fronha. Bebe mas é outra laranjada e fecha a cloaca.

Sabrina: Fecho o quê?

Engenheiro: A cloaca. A meia ostra. A cuspeira. (Volta-se para o balcão e chama o criado com um gesto).



Sabrina: Porra que esta gajo está cheio de motes.
e --
Chegada do empregado à mesa.
Engenheiro: Mais três whiskies. (Repara no copo quase cheio de Domingos). Mais dois whiskies e uma laranjada.
Sabrina recusa, amuada: Obrigada.
Mizete: Bebe, pá. És peluda ou quê? (Para o Engenheiro:) Posso mandar vir uma sanduiche?
Criado: Dois whiskies, uma laranjada, uma sanduiche...
Mizete, para Sabrina que está de olhos baixos, sentida: Querres também? Come, pá. Esta gaja dá-se toda na cama e ainda por cima não come.
O criado sai.
f --
Mizete para o Engenheiro: Mas é que se dá mesmo! Todinha!
(^{motiva} Para o Domingos:) Aproveite, seu otário.
, contrariado Engenheiro: Está visto, ele hoje não está nos seus dias.
Sabrina levanta-se bruscamente. Mizete ainda tenta agarrá-la mas sem exito.

7. AUTO-ESTRADA, S/D

a --
Engenheiro e Domingos, a bordo do Jaguar, ultrapassam autocarros com peregrinos que cantam o Hino de Fátima.
O carro aumenta de velocidade em fundo musical do Hino que começará a desenvolver-se em ritmo de fado corrido.
Peregrinos a pé apoiados a bordões. Cadeiras de rodas.

8. CASA DA LAGOA

a --
, O Engenheiro, descalço e em mangas de camisa conversa, estendido em cima da cama. com Maria das Mercês. Fuma e tem um copo de whisky sobre a mesa de cabeceira.
Não se deita porque dentro de duas horas terá de partir para a fábrica.
Diálogo (pag. 333):



Engenheiro: Acho-o mudado, não sei... Levo-o a Lisboa, dou-lhe dinheiro... Nada.

Maria das Mercês: Nada?

Engenheiro: Nada. Foge das mulheres.

Maria das Mercês: Não se esqueça que é muito orgulhoso, Tomás. Terrivelmente orgulhoso, nem ~~da~~ ^{os} calcula.

Engenheiro: E o meu orgulho? Não contas com o meu orgulho? Só me faltava mais esta, ter um criado maricas.

Maria das Mercês quase não o deixa acabar, tapa-lhe a boca com a mão.

Maria das Mercês: Tomás, coitado do moço.

Riem os dois.

Engenheiro: A sério, Mercês. O tipo preocupa-me. E custe o que custar temos de fazer dele alguém. ~~Um homem novo.~~

Maria das Mercês: ^{Você é quem} ~~Você~~ (faz). Eu para aí não meto prego nem estopa.

Engenheiro: É o que tu pensas. Quem é que o está a ensinar a escrever? Sou eu?

Maria das Mercês: Ah, sim? E passa-lhe pela cabeça que o faço por ele? Olhe, às vezes vejo-o imitar tão bem os seus gestos que até julgo que o estou a ensinar a si. Mas é que é mesmo, Tomás.

Acredita

b --

Os cães ladram. O Engenheiro levanta-se num salto.

Engenheiro: Anda malta às enguias. Mas hoje lixam-se que me apanham pela frente.

Maria das Mercês: Mais enguia menos enguia que mal faz?

Engenheiro: Atrás da enguia vai a lagoa, e a lagoa é nossa. Está paga. Eles que a arrematassem, se fossem capazes.

c --

Vulto de um guarda-rios em perseguição pelo meio do mato. Ruído de helicóptero.

Numa clareira, pescadores furtivos correm para as bicicletas, levando cestas de enguias.

O helicóptero rasa a mata e afasta-se em direcção ao mar.

Toda a cena é uma metáfora às emboscadas da guerra colonial.



e --

A mão de Domingos solta os cães. Galopar furioso dos mastins, vistos de frente, em grande plano.

C A P Í T U L O D

1. PENSÃO DA GAFEIRA 1972

a --

Mapa da Gafeira.

início do genérico

b --

O mapa está aberto em cima numa cama, ao lado de duas latas de filme e numa máquina fotográfica.

Quarto do Realizador.

O Realizador, sentado na cama, estuda o mapa.

Realizador: Neste lado é que fica o tal sítio dos peixes sagrados, é isso?

Hospedeira: Exactamente. No sítio do Mouchão.

Realizador, incrédulo: Peixes sagrados!

Hospedeira: Fala-se nisso, fala. Diz-se até que há um embalsamado na Casa da Lagoa. Enfim... ele agora diz-se tanta coisa.

Engenheiro: O sol nasce portanto deste lado... Aqui ficam os viveiros das enguias...

Hospedeira: Isso dos viveiros também é outra treta, Deus me perdoe. Há anos que o dom Tomás não ligava nenhuma à lagoa.

Realizador: Não ligava mas era dele.

Hospedeira faz um silêncio significativo. E depois: Senhor, sabe o que lhe digo? A lagoa queima. Quem se chega a ela queima-se. (Pausa) Queira Deus que ele não apareça aí amanhã.

Realizador: Acredita?

Hospedeira: Capaz disso é ele. Há quem afirme que o viu na



lagoa, no meio do nevoeiro.

Realizador: Não pense nisso.

Hospedeira: Diz que nem parece o mesmo, tem o cabelo todo branco. E olhe que com aquele génio todo é um coração de ouro como há poucos. Verdade, senhor. Já o dom Tomás Pai era a mesma coisa, um coração de ouro. E o avô... o dom Tomás que eu ainda conheci.

Realizador: A dinastia dos Tomás.

Hospedeira: É verdade. Sempre Tomazes. Chamavam-lhes os Fidalgos de Bom Coração. E agora acabou-se, é triste. Cá por mim se a dona Mercês tivesse tido um filho nada disto acontecia.

fim do genérico

c --

Batem à porta. Entra o Regedor.

Regedor, cumprimentando a Hospedeira: Dona Zêzinha... (Para o Realizador:) Quando quiser, estou às ordens.

Realizador: Vamos já.

Começa a meter o filme na câmara, perante o olhar interessado do Regedor.

Hospedeira: Olhe, quem deve saber do dom Tomás é a Aninhas.

Realizador: A Aninhas?

Hospedeira: Telefonam-se todas as noites. Pelo menos é o que se consta.

Regedor: Ponho as minhas dúvidas. (Para o Realizador:) Vamos indo?

2. CASA DA LAGOA. 1972

a --

Realizador e Regedor chegam no Fiat. Param na estrada, sem cruzar o portão.

b --

Aninhas à frente do Realizador e do Regedor abre a porta da casa. Começa a visita ao solar desabitado.



c --

Living. A mesma decoração de B-3a.

Sobre uma mesa baixa um enorme peixe de porcelana alemã. É um animal patriarcal de cabeça feroz e grandes barbas. O realizador dirige-se para ele e queda-se a observá-lo.

Realizador: Bonita peça!

Aninhas: É muito antiga. O menino chamava-lhe o "peixe santo". Ainda era assim, deste tamanho, e já lhe chamava o peixe santo. "Aninhas, leva-me a ver o peixe santo."

Realizador: Mas não costumava estar aqui, pois não?

Aninhas: Conforme. Uma vez estava lá dentro no escritório, outras vezes punha-a aqui... era conforme. O menino tinha uma grande estima por esta estátua. (Intencional:) Tinha e tem.

Realizador: É realmente uma bela peça.

d --

Realizador, sosinho, filmando o peixe santo a vários ângulos.

3. CASA DA LAGOA, S/D

a --

O peixe santo é agitado pelo reflexo das labaredas que vem da lareira. Acção muda. Televisão com as imagens do costume: Padres, Marcelo Caetano, "Angola é Nossa".

Maria das Mercês está ao telefone, envolvida num roupão. Termina a conversação e vem às vidraças ver a lagoa.

Volta ao telefone. Faz nova ligação mas não obtém resposta. Regressa às vidraças.

Alguém bateu à porta. Percebe-se isso pela maneira como ela desperta do alheamento em que estava e pelo gesto imediato de compôr o roupão.

b --

Entra Domingos com um caderno na mão. Imediatamente se faz som: chuva e crepitar de lenha na lareira.

Domingos pousa sobre a mesa grande da sala o caderno de exercícios que Maria das Mercês se põe a examinar.

Maria das Mercês: Está melhor, está... E os números? Fizeste



os números que eu te mandei?

Domingos procura uma página no caderno.

Hmm... Não estão lá muito famosos, Domingos.

Precisas de abrir mais as curvas, percebes?

Assim, estás a ver? Bom, agora senta-te.

Afasta-se para a janela e de lá começa a ditar.

Maria das Mercês: Escreve... Casa da Lagoa... Agora põe a data, nome completo... Ditado... (Breve hesitação de Domingos) Escreve, vá. "Ditado". "De todos os animais domésticos, o cão e o cavalo são considerados os mais nobres." Já está?... Os mais nobres, ponto final. "Os lavradores antigos costumavam mesmo dizer que pelo ladrar dos cães se conhece a autoridade, au-tó-ridá-de, do dono e pelo luzir do cavalo a mão de quem o trata." Ponto. "Este provérbio encerra (encerra com um c) uma sabedoria que ainda hoje merece ser..." (Interrompe-se) Levaste o bife à filha da Conceição?

Domingos: Levei, sim, dona Mercês.

Maria das Mercês: Optimo (Vai buscar uma camisola de malha que ainda está enrolada nas agulhas). Pronto, leva-lhe (isto também).

Domingos: Hoje?

Maria das Mercês: Logo, quando ela vier do trabalho. Porquê?

Domingos: Fiquei de ir ter à fábrica com o Senhor Engenheiro.

Furiosa, Maria das Mercês atira a camisola para cima dum maple e vai para a janela. Fica de costas para Domingos.

Maria das Mercês, sempre de costas: Temos noitada, não é? (Pausa longa. Voltando-se para o criado:) Quando é que aquele homem se convence que tu não tens saúde para noitadas? (Nova pausa) E tu? Quando é que tu deixas de andar pela trela? És estúpido? Não vês o estado em que estás?



Domingos: O Senhor Engenheiro...

Maria das Mercês: O senhor Engenheiro, uma ova! Tu é que estás sempre no ar para as cowboyadas!

Silêncio de Domingos. Maria das Mercês vem junto dele.

Maria das Mercês, sacudindo-o: Confessa. Ao menos, tem a coragem de confessar.

Domingos, baixinho: Não é verdade, senhora.

Maria das Mercês, com desprêso: Ora, não é verdade...

Domingos, ainda mais baixo: Eu cegue. Eu perca também este braço.

Maria das Mercês, vindo a si de repente: Oh, cala-te.

Vai sentar-se de costas para ele, voltada para a lareira. Pausa demorada.

Maria das Mercês: Pronto, vai lá embora. Amanhã continuamos o ditado.

c --

Domingos sai.

d --

Sósinha, Maria das Mercês demora-se a olhar as chamas da lareira. "Sempre a mesma gaita," desabafa.

Abre um minúsculo estojo de comprimidos e tira uma aspirina que engole em seco.

Levanta-se. Pega na camisola de lã e leva-a para o cesto de costura que está junto do telefone e no qual se encontra dobrada a revista de tricot que lhe serviu de modelo.

Marca um número. Enquanto aguarda a resposta, pega distraidamente na revista onde se lê: "Enquanto Espera a Cegonha, Pense no Bébê".

Maria das Mercês, atirando a revista para o lado: Estupor de telefone ^{fora} que está embruxado. (Desliga).

Fica sentada sem saber o que fazer. Com o lápis da agenda telefónica põe-se a desenhar óculos e bigodes nas fotografias de pin-ups num outro magazine que tem à mão. Ao chegar ao desenho de um chauffeur fardado entretem-se a escurecer-lhe o rosto.

Maria das Mercês, levantando-se: Sempre a mesma gaita... (Dá uns passos ao acaso). E eu a falar sósinha, coisa estúpida. (Ao passar pelo espelho detem-se.



Examina-se atentamente). Uma grandecíssima gai-
ta é que isto é.

e --

Entra Aninhas com um vestido negro, engomado.

Aninhas: Está bem assim, menina?

Maria das Mercês: Está ótimo. (Beija-a) A que horas é o
enterro?

Aninhas: Quatro e meia. Diz que vem um oficial para dar
uma medalha à viuva.

Maria das Mercês: É possível, Aninhas.

Aninhas: Da Guiné aqui quantos dias são?

Maria das Mercês: De barco? Para aí uns dez.

Aninhas: Tanto tempo para procurar uma cova. Se calhar a
terra de lá estranha o corpo da gente, é o que
deve ser. (Vai a sair com o vestido).

Maria das Mercês: Eu visto-me mesmo aqui. Está mais quente.
(Aninhas pousa o vestido nas costas duma cadei-
ra e sai.) Traz-me os sapatos de fivela e a cai-
xa das meias.

f --

Maria das Mercês deita-se no longo maple que fica em frente da la-
reira, junto à mesa comprida onde está o peixe santo. Acende um
cigarro e olha as chamas.

g --

Entra Aninhas com os sapatos e a caixa das meias.

Sai, fechando a porta cuidadosamente.

h --

Maria das Mercês não dá por ela. Fumando, olhando as chamas, vai
afagando o peixe, percorrendo-lhe a superfície lisa e luminosa.
O calor da lareira obriga-a a desapertar o roupão. Volta-se. Um
leve suor vislumbra-se-lhe no rosto.
Num desses movimentos a cauda do peixe fica-lhe sobre as virilhas.
Continua a fumar mas a ^{certa} ~~certa~~ altura a mão descai-lhe, com o cigarro
pendurado.

A cauda do peixe insinua-se-lhe discreta mas intensamente nas vi-
rilhas.

A mão com que afaga o peixe continua a percorrer a superfície de
porcelana.



32

i --

Os cães rompem a ladrar desesperadamente.

j --

Maria das Mercês salta do maple e corre à porta da sala.

Maria das Mercês: Esses cães! Calem-me esses cães depressa! Senta-se, desalentada, o rosto enfiado nas mãos.

Maria das Mercês, num murmúrio: Qualquer dia comem-me viva.

k --

No pátio, Domingos cala os cães que se mostram inquietos sentindo que ele vai sair.

Depois atravessa o pátio. Cruza o portão.

l --

~~Depois~~ Maria das Mercês liga o ^{./}pck-up.

Ergue o vestido, contempla-o. Percebe-se que o acha demasiado elegante para a circunstância.

Maria das Mercês, murmurando: Que se lixe. Qualquer dia deixa de se usar...

Cola-o ao corpo, diante do espelho; contempla-se.

Seguidamente despe o roupão, tira o soutien que faz esvoaçar à volta dela como se fosse uma ave negra. Uma ave que lhe perpassa pelos seios, pelo dorso; que se debate entre ela e a imagem no espelho.

(Música em destaque).

Lentamente começa a vestir-se peça a peça. Deleitadamente. Põe as meias e os sapatos. O soutien. O vestido...

A cena assume um ritual contemplativo, vigiado pelo retrato a óleo da Maria das Mercês.

4. FÁBRICA DE MADEIRAS S/D

a --

Ruido ensurdecedor de máquinas em laboração. O Engenheiro circula e dá ordens. As vozes não se ouvem.

b --

O Engenheiro atravessa o terreiro da fábrica onde um camião gigante descarrega toros de madeira. Vêmo-lo de longe, a encaminhar-se para a entrada da fábrica. Olha o relógio.

Ao chegar à casa do guarda percebe-se que pergunta por alguém. Vem à estrada. Olha para um lado e para o outro.



c --

A distância para uma camioneta de carreira e segue sem que desembarque qualquer passageiro.

d --

Grande plano do Engenheiro consultando o relógio.

5. CASA DA LAGOA, S/D

a --

Os cães ladram furiosamente.

b --

Aninhas corre a atravessar o pátio.

c --

Na varanda da casa surge Maria das Mercês. Está elegantemente vestida de negro, preparada para sair.

Vê passar a correr a criadita jovem e apercebe-se de que alguma coisa estranha ocorreu.

Desce as escadas que dão para o pátio.

d --

Agarrado ao portão meio aberto, exausto e com a boca a sangrar, está o Domingos.

Aninhas e a criada jovem amparam-no.

e --

Maria das Mercês corre para o ferido.

Maria das Mercês: Que foi? (Para Aninhas:) Deu-lhe alguma coisa? (Estende a mão para lhe tomar o pulso.)

Aninhas: Bateram-lhe.

Maria das Mercês: Bateram-lhe? Quem é que te bateu, Domingos?

Aninhas: Por amor de Deus não conte nada ao menino.

Maria das Mercês: Mas quem foi, mulher? Quero saber já quem foi.

Domingos: O Manel...

Maria das Mercês: Qual Manel?

Aninhas: O Manel Alemão. Jesus, se o menino descobre é uma desgraça.

Maria das Mercês: Deixa lá o menino e vá-lhe buscar o frasco do alcool. (Para a criada jovem:) Vai tu.



Depressa, despacha-te.

Maria das Mercês despe o casaco de Domingos.

f --

Maria das Mercês e Aninhas levam o ferido para o fundo da escadaria. Sentam-no num degrau.

Enquanto esperam o regresso da criada jovem, Maria das Mercês inspeciona o rosto do ferido, limpa-o com a ponta da camisa, acalma-o.

Maria das Mercês: Dizes ao senhor Engenheiro que desmaiaste quando ias a apanhar a camioneta, percebes? (Domingos concorda com um aceno). Bandido. Espancar assim o pobre rapaz.

Domingos para Aninhas: Os cães...Vá dar comida aos cães. Ouve-se um carro a arrancar.

C A P Í T U L O E

1. CASA DA LAGOA, 1972

a --

Aninhas fecha as vidraças do "living" (repetição de D-J6) Dá uma ligeira arrumação na sala e sai, fechando a porta.

b --

O "living" em meia-penumbra com o peixe-santo em primeiro plano. início do genérico

c --

O telefone toca.

Voz de Maria das Mercês: Sim...? Eu sei, Tomás... Mas vem jantar ao menos? Não, ninguém telefonou. Fico à sua espera, agora veja lá. Um beijo."

2. FÁBRICA DE MADEIRAS, S/D

a --

No seu gabinete, o Engenheiro desliga o telefone, depois da conversação com Maria das Mercês.

b --

Dirige-se para a cadeia de corte e/prensagem.

Ruido ensurdecedor de máquinas em laboração. Atravessa as secções,



inspeccionando de passagem este ou aquele trabalho, respondendo ao encarregado, etc. As vozes não se ouvem. (Cf. D-4a)

c --

À porta do gabinete do Proprietário da Fábrica, Sr. Marcelino da Mota, ^{o Engenheiro} detém-se um instante.

fim do genérico

d --

Gabinete. Na parede, uma grande foto do Proprietário e da Esposa em moldura oval. Em lugar de destaque um placard com amostras de aglomerados: ^{superiores} "PLACAS MOTAL, melhores-que à madeira natural. Peça catálogos."

No momento em que recebe o Engenheiro, Marcelino da Mota está a acabar de assinar um molho de letras bancárias. Fala-lhe sem levantar os olhos da caneta e ao ritmo em que vai apondo assinaturas.

Marcelino da Mota: Pois, Engenheiro... desta vez é que me parece que não pode ser nada. Não é má vontade... você sabe muito bem... mas desta vez é mesmo impossível. (Olha-o de frente) Absolutissimamente. (Recomeça a tarefa das assinaturas)

Engenheiro: O senhor Marcelino da Mota lá sabe.

Marcelino da Mota: Sabemos os dois. Pôr dinheiro em terreno pelado, quando o que a gente precisa é de flores-ta...

Engenheiro: Não se trata propriamente de pôr dinheiro.

Marcelina da Mota: Pior, trata-se duma segunda hipoteca. Mas, enfim, não seria por aí que a gente havia de se desentender. (Arrumando as letras que finalmente acabou de assinar:) Letras e mais letras. Qualquer dia mostram-nos uma nota de conto de reis e já não somos capazes de a reconhecer.

Engenheiro: O senhor Marcelino da Mota viu o terreno?

Marcelino da Mota: É careca, então eu não sei? E o que a fábrica precisa é de madeira. Pausinho, Engenheiro, pausinho para bater com os nós dos dedos.

Engenheiro: Madeira para mastigar...



Marcelino da Mota: Exactissimamente. Terreno pelado, só para semear de tijolo ou para abrir o coval.

Engenheiro: Dentro de cinco anos já lá há eucaliptos prontos para o corte. Mas, está bem, o senhor Marcelino da Mota tomou a sua decisão...

Marcelino da Mota: Dentro de cinco anos? E nessa altura você pagava-me a hipoteca e vendia os eucaliptos. Não, Engenheiro, não é com terreno que a gente se governa.

Engenheiro: Está dito, não se fala mais nisso.

Marcelino da Mota: Pelo contrário, pelo falar é que a gente se entende. Por este andar temos as máquinas à fome, sem um toro que as satisfaça. Sabe quando chega a próxima partida de Cabinda? (Pega numa carta que entrega ao Engenheiro) Leia, é do armador.

O Engenheiro lê a carta apressadamente.

Marcelino da Mota: Madeira a apodrecer no cais, aí está no que deu o ~~na~~ terrorismo. E nós, que culpa temos nós? Levam-nos o pessoal, deixam-nos sem barcos, permitem toda a pouca-vergonha da emigração... E nós?

Entra um funcionário de confiança.

Funcionário: Está ao telefone o Governador Civil por causa do Cortejo de Oferendas.

Marcelino da Mota: Cortejo. Então isto agora é todos os anos? (Levanta o auscultador. Para o Engenheiro:) Desculpe... (Estende-lhe a mão.) Senhor Governador? Então como está Vossa Excelência? Muito folgo, muito folgo. Absolutissimamente... E um dever, numa hora destas não se pode esmorecer...

3. POUSADA DA VILA, S/D

a --

Ao balcão do bar, o Engenheiro telefona à Dama das Unhas de Prata.

Engenheiro: Dizes que sou teu primo, sei lá... Hipoteca, le-



tras, tanto faz... O quê, estás proibida de ter primos? E ele? O Velho, porra!

Desliga brutalmente. Senta-se e manda vir um whisky.

b --

Entra o Padre. É um homem de menos de trinta anos, moderno e de boas famílias.

Padre: Ainda bem que o encontro.

Engenheiro: Um whisky?

Padre, recusando: Estou cheio de pressa, obrigado. Já lhe falaram no Campeonato do Asilo, não falaram?

Engenheiro: Doutorzinho, você é um crava dos antigos.

Padre, rindo: Crava ou não, você tem que entrar com algum.

Engenheiro: Caramba, a Maria das Mercês passa a vida a fazer roupa para o Asilo e você ainda me vem cravar?

Padre: Roupa para o Infantário, é diferente. O Infantário tem outro significado, não se esqueça.

Engenheiro: Bem sei, cheira a cueiros. Mas okay, ponha lá cinco contos. Correcto?

Padre: Correctissimo.

Engenheiro: E não me fale de cueiros. Cueiros e filhos dos outros são lá com a Maria das Mercês. Combinado?

Padre, batendo-lhe no ombro em sinal de despedida: Você hoje está em dia não.

Engenheiro: Estou mosca, só vejo é camaleões.

c --

O Padre sai.

d --

O Engenheiro volta ao telefone.

Engenheiro: Sou eu, outra vez...

4. CASA DA DAMA DAS UNHAS DE PRATA, S/D

a --

Gatucha, a Dama das Unhas de Prata está ao telefone.

Gatucha: ...Certissimo... Compreendo tudo. Só que o tipo



38

*Sobressaltar
e não
sua vida*

está a chegar... Responde tal! Não resulta. Tomás, então eu não sei? Certíssimo, Tomás. Mas qual primo, qual banana? Sei muito bem, que coisa! (Sobressalta-se com qualquer indício exterior).
E ele! Ciao!

Desliga.

b --

Entra o Juiz Conselheiro, guardando as chaves no bolso. Pousa em cima da mesa um embrulho de trouxas de ovos.

c --

Gatucha beija-o, um tanto formalizada.

Gatucha: Ao menos podia-me ter telefonado.

Conselheiro: Telefonado?

Gatucha: Ai, acha que não tenho razão para estar em cuidados? Espantoso, Gatão. Verdadeiramente espantoso. Queixa-se da tensão e de não sei quantas coisas, assusta-me com tudo quanto há e, vejam só, fica com o ar mais inocente deste mundo. E agora põe-se a olhar para o relógio.

Conselheiro: Estava a ver se é assim tão tarde para esse exagero todo.

Gatucha: Exagero ta gueule. Queres-te ir embora, é?

Conselheiro, sentando-se: Não dramatizes...

Gatucha: Mais non, je fais pas le drame. Tu é que andas lá por onde muito bem te apetece e a mim só me dás os restos.

Conselheiro, em tom de censura: Sinceramente, Gatucha!

Gatucha: Mais oui, chérie. C'est shocking mais c'est vrai! Gastas-te por onde te dá na realíssima gana, julgas que não sei?

Conselheiro: Por favor, Gatucha! Sou lá agora algum jovem para ^{me}andar para aí a gastar!

Gatucha: Oh... Desculpa-te, isso, desculpa-te. Mas qualquer dia ponho-te um par deles que nem sabes por onde é que andas.

Conselheiro, abrindo os braços numa ironia forçada: O grande



ultimatum!

Gatucha: Et voilà!

O Juiz-Conselheiro aproxima-se da janela. Fica de costas para a jovem e prudentemente recuado para dentro, de modo a não ser visto do exterior. Silêncio demorado.

Gatucha: Gatão...

Conselheiro: Hmm?

Gatucha, em voz grave e serena: C'est fini. D'accord?

O Juiz-Conselheiro tem um sobressalto: interpreta o que acaba de ouvir como uma declaração de ruptura. Volta-se.

Conselheiro: Terminado?

Gatucha, com um sorriso malicioso: Sim, le petit drame. Fazemos as pazes. Okay?

O Juiz-Conselheiro avança para ela. Gatucha vai ao seu encontro. Beijam-se.

A jovem sai então para ir buscar um embrulho que o Velho abre com curiosidade. Um LP de "As Bodas de Figaro"

Conselheiro: Para mim?

Gatucha: Embora não mereças...

O Juiz-Conselheiro torna a beijar a jovem e, com ela enlaçada, põe o disco no pick-up. A Dama abre o pacote dos doces.

Conselheiro: ~~Admirável~~. Que ~~maravilhavito~~.

Gatucha: Em francês... Diz isso em francês.

Conselheiro: Merveilleux... Pourquoi em francês?

Gatucha: Porque sim. É a língua das putas. (Pausa) A puta sou eu, claro. Para não lhe dar tempo a qualquer reacção mete-lhe um doce na boca. Depois serve bebidas - whisky para ela, porto para ele. O Juiz-Conselheiro acompanha em surdina a ária que o disco transmite.

Conselheiro: Maravilha. Nem imaginas o presente que me ofereceste.

Gatucha: Oh, eu sabia que o meu amor gostava. (Aproxima-se muito dele. Em voz terna) Além disso é a única maneira de poder ir à opera contigo. E assim! (Afasta-se dum salto e levanta o vestido até às axilas) Nua!



40

5. TABERNA NA GAFEIRA, S/S

a --

O Engenheiro, a caminho da Casa da Lagoa para o Jaguar e entra na taberna da Gafeira (ref. B-4b). Dirige-se ao telefone.

6. CASA DA DAMA DAS UNHAS DE PRATA, S/D

a --

Penumbra. Aquário em primeiro plano. O Juiz-Conselheiro e Gatucha estão nus sobre a cama.

Toque de telefone.

Gatucha: Responde tu, amor.

Conselheiro: Responde tu, já sabes.

A jovem salta por cima do Velho e vai ao telefone.

Gatucha: Alô? Para que número deseja falar?

A voz do Engenheiro diz um número.

Gatucha: É engano. (Desliga) Chato.

Volta para a cama.

Conselheiro: Pela voz parecia um individuo cheio de à-vontade.

Gatucha: Os meus namorados são assim. Têm todos carradas de à-vontade.

Novo toque de telefone.

O Juiz-Conselheiro levanta-se, embrulhado no lençol e quando está ao pé do telefone para um instante.

Conselheiro, voltando-se para a jovem: Aguenta-te.

(Sai para o banheiro).

Gatucha: Alô! É outra vez engano. Não há cá nenhum Sobral nem meio Sobral. Com licença. (Para dentro:) Não te demores, Gatão!

Corre a estender-se na cama.

7. TABERNA DA GAFEIRA, S/D

a --

Entra o emigrante Manuel Alemão.

b --

Estdardalhaço dentro da taberna donde sai, expulso a pontapés pelo Engenheiro, o emigrante que empunha uma garrafa partida.



Taberneiro e mais homens conseguem puxá-lo para dentro da taberna e fazem barreira ao Engenheiro, acalmando-o.

Engenheiro, gritando lá para dentro: Quem não pode com o patrão bate no chão. E quem me bate num criado é porque me quer bater a mim. Ouviste bem, meu safardana?

Mete-se no Jaguar e parte.

8. CASA DA LAGOA, S/D

a --

A espera do Engenheiro estão Maria das Mercês na varanda da Casa e no pátio, o Domingos.

b --

O Engenheiro salta do Jaguar e corre para Domingos. (pags.290-291)

Engenheiro: Foge maldito!

O mestiço, apavorado, hesita, tenta fugir mas é agarrado pelo Engenheiro que lhe deita as mãos ao pescoço.

Engenheiro: Capado. Deixares-te abandalhar por um bardamerda daqueles! Por amor de Deus defende-te! Defende-te ou acabo contigo aqui mesmo!

Sacode-o nas mãos, mas vê-se que faz um esforço desesperado para dominar a violência que irrompe de dentro dele.

Maria das Mercês, Aninhas e a criada jovem, tiram-lhe Domingos das mãos.

c --

Arrasado pelo esforço de se dominar o Engenheiro deita as mãos à cara brutalmente como que a cobri-la da vergonha, e foge, escada acima, para o "living".

Deixa-se cair num maple, vencido.

d --

Maria das Mercês traz-lhe um copo de whisky e a bolsa do cachimbo. Calça-lhe umas chinelas, desaperta-lhe a gravata. (pag. 292-3)

Maria das Mercês, afagando-o contra o peito, como se fosse um filho: Amor pequenino... Meu querido, meu grande amor pequenino...

9. ESTRADA MARGINAL, S/D

a --

O Velho no carro em marcha extremamente vagarosa.

Ao chegar a Carcavelos entra no parque de estacionamento e pára.

Engole uma pastilha, olha-se no espelho retrovisor. Sua. Desaperta a gravata, desabotoa o colete.

Abre a porta do carro e fica sentado, pernas de fora do carro à espera de recuperar.

Diante dele é a praia deserta ao anoitecer. O mar distorcido, perdendo forma. As nuvens agitadas. A ~~total~~^{solidez} total...

C A P Í T U L O F

1. ESTUDIO DA TOBIS, 1973

a --

Sala de projecção. Realizador, assistente e produtor estão sentados. Vozes off durante a projecção.

b --

Projectam-se em mudo momentos das cenas: B-3a (televisão) e E-4c.

Produtor: Mas alguma vez a censura deixava passar isto?
Vocês estão a gosar ou quê?

Assistente: A Censura vai cair toda em cima do Jogo do Olho Vivo e deixa o resto.

Produtor: Jogo do quê?

Assistente: Jogo do Olho Vivo.

fim do genérico

Realizador: ^{ironico} Em cada português há um policia escondido. (Pausa) Não sou eu que o digo. É o filme.

Produtor: A chatice é essa. Se fosses tu a dizê-lo estava-me nas tintas. Que é isto agora?

Assistente: A cena dos caçadores.

No ecran, em grande plano e em mudo, Carlos Eurico da Costa na mesa dos caçadores.

Realizador: Nas cenas de caça seguimos rigorosamente o técnico.



Produtor: Quantos metros gastámos já de película?

2. SALA DE JANTAR DA PENSÃO, 1972
(pag. 207)

a --

Grande plano de Carlos Eurico da Costa, em conversa com os caçadores que bebem à sua mesa. Referem-se de passagem ao aluguer da lagoa.

b --

Noutra mesa, o Realizador e o Padre.

Realizador: "Quem não pode bater no cão..." Como é que ele disse?

Padre: Quem não pode com o patrão bate no cão.

Realizador: E o outro?

Padre: O emigrante? Ficou-se com elas e amochou. Você é que nunca viu o Tomás quando perdia a cabeça. Cegava.

Realizador: Como o avô. Ele costumava falar dum avô que tinha um olhar que cegava.

Padre: Tinha a mania das histórias, o Tomás. E o mais estranho é que as contava sempre da mesma maneira.

Realizador: Exacto. Contava-as tantas vezes que acabava por acreditar nelas.

Padre: Meu Deus, falamos dele como se já tivesse morrido.

Realizador: A do fidalgo do brilho que cegava era uma história estranhíssima. Metia um velho... acho que era o avô... Um velho que obrigava as amantes a andarem de lenço vermelho.

3. GAFEIRA, S/D

Sequências em mudo, comentadas pelo Padre e pelo Realizador em off. (pag. 165-8)

a --

Numa cavaleriça, Dom Tomás-Avô, dito o Gago (que é Engenheiro com



barbas patriarcais) acaba de fazer amor com uma camponesa a quem oferece um lenço vermelho.

Padre: Conheço a história, conheço.

b --

A amante põe o lenço. Esgueira-se e quando passa por uma eira onde trabalhavam várias mulheres reconhece numa delas um lenço igual. Sobressalta-se. Mais adiante cruza-se com outra que, estranhamente, não parece aperceber-se do sinal que as identifica.

Padre: As tantas a aldeia estava cheia dos tais lenços.

c --

Desvairada, a camponesa arranca o lenço e foge para casa. Na sua fuga só vê mulheres com lenços iguais.

Realizador: Tem a certeza de que foi verdade?

Padre: Parece que sim. O velho tinha a alcunha do Gago e acabou entrevado em casa.

d --

O Gago sentado num cadeiral. Um criado tira-lhe o bacio com dejectos, que substitue por outro.

e --

O Gago, no seu trono, é içado para cima de um carro de bois. Um moço, de pé, segura-lhe pelas costas o cadeiral.

f --

O carro de bois atravessa o largo da igreja à saída da missa e o Gago vê com espanto que todas as mulheres usavam lenço vermelho. Apura a vista, estica-se todo para a frente, incapaz de acreditar nos seus olhos.

Realizador: O Engenheiro dizia que ele morreu quase cego.
Ou daltonico. Acho que via lenços por toda a parte.

g --

O Gago rompe em gargalhadas descomunais.
As feses transbordam do carro de bois.

4. SALA DE JANTAR DA PENSÃO, 1972

a --

Padre: Simplesmente, os lenços eram mesmo verdadeiros.

Realizador: O quê, todas aquelas mulheres...



Padre: Todas tinham passado a usar o mesmo lenço, sem ele saber. E dessa maneira defendiam as infelizes que lhe tinham caído nas garras.

Realizador: Chama-se a isso a Parábola da Multiplicação dos Lenços.

Padre: Moralíssima, como todas as parábolas.

Realizador: É subversiva. Absolve a distinção do adultério.

Padre: É verdade! Você ainda se lembra do Jogo do Olho Vivo!

Realizador: Claro que lembro. Caça...

Padre: Caça é de caras. Caça... tiros. Tiros... revolução. Revolução... subversivo. Em três jogadas acertei na muge. Agora você. Emigrante...

Realizador: Emigrante? Emigrante... expatriado. Expatriado... subversivo. Ganhei! Em duas jogadas cheguei à conclusão. Não há dúvida. Neste país tudo o que não é oficial é subversivo.

5. ESTRADA DA GAFEIRA, 1972

Desvio de acesso à lagoa.

O Regedor e três homens espetam um cartaz num pinheiro:

"PARQUE DE ESTACIONAMENTO. Bem-vindos, Srs. Caçadores!"

6. LAGOA, 1972

a --

Algures, na margem, ao pé de um casebre de caçadores, o Cauteleiro e o Guarda-rios comem enguias no espeto e bebem pelo garraão. Estão já toldados de vinho.

O Guarda cantarola: "Ó, ai, ó linda... Vou capar o galeirão... Vou capar o galeirão. Pró ter sempre à minha mão."

^{acabando de cantar}
Guarda, ~~depois de ter cantado~~: Está boa ou não está?

O Cauteleiro, meio embrutecido, não o ouve. Fixa atentamente certo ponto da Lagoa...

b --

...onde vislumbra um vulto esfumado em neblina: o Engenheiro.



c --

Guarda: Compadre... Que é isso, compadre?

Cauteleiro, sem desviar os olhos do mesmo ponto: Acolá...

Guarda: Acolá o quê, compadre?

Cauteleiro: O gajo...

d --

Olham ambos o mesmo ponto. A visão tinha desaparecido.

Cauteleiro: Estava mesmo agora acolá.

Guarda, encarando com ironia o Cauteleiro: O Engenheiro?

(O Cauteleiro acena que sim. Pausa.) E você viu-o? (Outro aceno do Cauteleiro) E tem a certeza que era ele? (O Cauteleiro confirma). O Engenheiro? (Nova confirmação do outro. O Guarda então abre-se numa gargalhada:) Você é mas é uma grande encomenda!

Cauteleiro, inquieto: Vou-me embora, compadre.

Guarda: Não vai tal. Enquanto não abatermos este garrafão não há fantasma que nos arranque daqui para fora.

Cauteleiro: Aquilo não era fantasma ~~aquele~~. Era o Infante, essa lhe afianço eu.

Guarda: Quais Infante, quais elefante.

Cauteleiro: Amanhã têmo-lo aí, você verá.

Guarda: Vai uma aposta? (Levanta-se e grita:) Dom Tomás! Eh, Dom Tomás dum cabrão!

Cauteleiro: Não é por acaso que o do cinema já cá está. São amigos, estão feitos.

Guarda: Feito está o Regedor que quer fazer disto um hotel de valdevinas.

Cauteleiro: Muito possível, não digo que não. A pala da caça e dos turistas só pensa em encher isto de marafonas da alta. (Pausa) E de marafonas quem é o entendido?

Guarda: O Engenheiro.

Cauteleiro: Percebeu agora como estão todos feitos? Se você



tivesse assistido às cenas que eu já assisti aqui...

Guarda: Faço uma ideia.

Cauteleiro: Aqui. Neste mesmíssimo lugar onde a gente está agora.

Guarda: Pois sim, mas quem muito fornicava acaba fornicado.

Cauteleiro: Burgueses à porrada, touradas... o fim do mundo. Aqui mesmo onde nós estamos. Faz amanhã quatro anos, dia da abertura dos patos do ano de 68.

Guarda: Fornicou-se, essa é que é essa. Não lhe valeu ser dom nem engenheiro para coisa nenhuma.

Cauteleiro: Pego perdão, o fornicado fui eu. O compadre vê além daquele monturo? Pois foi lá que me tiveram de desenterrar com bichos até às orelhas.

7. LAGOA, S/D

a --

Monturo. Anoitecer.

Por detrás dele o Cauteleiro à espreita.

Música.

b --

O Engenheiro e convidados estão numa clareira. O casebre onde se encontravam o Guarda e o Cauteleiro encontra-se iluminado. Fim de piquenique de caçada. Música de pick-up portátil.

Maria da Paz e o marido conversam com uma jovem ^{em} botas de montar sobre os inconvenientes do casamento em comunhão de bens. Um velho em jaqueta camuflada de caçador passeia-se com o chapéu coberto de ramagens.

c --

O Engenheiro fala de touros a um estrangeiro e com uma toalha exemplifica alguns passes.

De algures, uma convidada corre para ele imitando a investida de um touro. O Engenheiro recebe-a com uma sorte de diestro. Torna a citá-la. Grita-lhe um olé, bate palmas.

A partir daí inicia-se um divertimento em que os diversos casais simulam um jogo tauromáquico onde as mulheres tomam o papel das reses.



d --

O marido de Maria da Paz tira o folar que traz ao pescoço e incita a mulher à lide. Esta corre para ele e ao investir arranca-lhe o lenço das mãos. Ri, divertida. Agora os papeis invertem-se: é ela o toureiro. O marido aceita o jogo, ^{a princípio com condisciplina} ~~divertido~~ (Maria da Paz é aplaudida com gritos de "Olé, Conchita" e "Viva tu Madre") mas a certa altura sente-se contrafeito.

e --

A volta a lide das esposas prossegue.

f --

O marido de Maria da Paz abandona o jogo e vai servir-se de uma bebida.

g --

Maria da Paz aponta então para um casal que se toureia. Com o lenço cita o homem, que abandonou a mulher e investe para ela. Passes cada vez mais cingidos. O homem, ao passar, cola-se ao corpo de Maria da Paz, torneia-o.

h --

Maria das Mercês, no casebre dos pescadores, acalma a esposa do homem com quem Maria da Paz está brincando às touradas e que se encontra um tanto embriagada.

i --

Maria da Paz vem por detrás do marido, que está sentado numa pedra e põe-lhe uma flor na orelha. Beija-o.

A volta a tourada prossegue.

Maria da Paz passa-lhe as pernas em torno do peito. O marido sacode-se, rindo, ^{com falsa desconforço} ~~levantando-se~~ para se libertar mas não consegue. Acaba por ficar com ela às cavalitas.

Grito de triunfo de Maria da Paz: Yoopie!

Seguidamente força o marido a atravessar os grupos que se toureiam e, ao passar pelo parceiro de há pouco tira a flor da orelha do marido e lança-lha como um desafio. Alegrementemente o homem investe para ela que simula bandarilhá-lo

j --

A mulher que estava no casebre de pescadores foge em lágrimas para o meio da mata.

Maria das Mercês corre atrás dela e logo a seguir o Engenheiro.

k --

É então que o Engenheiro descobre o Cauteleiro detrás do monturo. Deita-lhe a mão imediatamente.



Engenheiro: Que estás aqui a espiar? Ouviste? Que estás tu a espiar, bandido?

Comprometido e assustado, o Cauteleiro baila-lhe nas mãos sem um protesto.

Com um repelão vê-se atirado para o monturo e logo espesinhado contra o estrume.

Engenheiro, calcando-o sempre: Af... na merda! Na merda é que é o teu lugar!

8. LAGOA, S/D

a --

Rosto do Cauteleiro inundado de vinho, como se fosse sangue. Com as costas da mão procura limpar os fios que lhe escorrem da boca.

b --

Ao lado dele, o Guarda dobrado sobre o garraão. Em fundo o casebre de pescadores.

c --

O Regedor aproxima-se.

C A P Í T U L O G

1. PENSÃO DA LAGOA / LAGOA, 1972

a --

Bonés e bolsas da caçadores pendurados num bengaleiro. início do genérico

b --

Sala da Pensão. Noite.

Carlos Eurico da Costa, à mesa do Padre e do Realizador expõe alguns pormenores da abertura da caça. Faz croquis no papel. fim do genérico

(A descrição ao vivo da caçada apresenta-se como uma ilustração vivida e extensa que se desenvolve a partir dos comentários de C.E.C., e, como tal, interrompida por essas intervenções.)

Carlos Eurico da Costa: Para dar uma ideia de conjunto, o melhor é filmar de dentro dum barco. Do lado de

lá, no começo da lagoa.

Realizador: De costas para o mar, portanto...

Carlos Eurico da Costa: De costas para o mar.

Inicia-se a descrição da caçada. Madrugada. O Realizador (acompanhado de um jovem remador) está dentro do barco, à espera.

Carlos Eurico da Costa, off: Os patos levantam sempre para terra, neste caso na direcção sueste. O que a si lhe convém é apanhá-los de frente. Não é isso?

Realizador, off: Exacto.

O barco do Realizador desloca-se para sueste. Toma posição, apontado para o mouchão. Imobiliza-se.

Panorâmica da lagoa. Caçadores emboscados. Espera.

Subitamente rompe a fusilaria.

2. CASA DA LAGOA, 1972

a --

Manhã.

Casa fechada.

Ouvem-se tiros. Fumo de pólvora no ar.

b --

Aninhas sai. Leva com ela uma pequena saca com merenda. Fecha o portão e segue pela estrada que conduz à aldeia. Vê-se-lhe o rosário apertado nas mãos.

3. LAGOA, 1972

Continuação das cenas de caça.

4. LARGO DA GAFEIRA, 1972

a --

Aninhas, sentada num banco da igreja vazia, fita a imagem de S. Jorge a trespassar o dragão. (Vaga associação com o peixe sagrado).

b --

Princípio da tarde.



Largo deserto. Aninhas escolhe um local discreto nas proximidades da igreja e senta-se a comer.

c --

A certa altura descobre que está a ser observada por um rafeiro, um cão triste e defeituoso que a olha com submissão.

Atira-lhe comida, procurando chamá-lo.

O rafeiro amedronta-se e foge.

d --

Aninhas, lentamente, guarda na bolsa o pedaço de pão que estava a comer.

5. LAGOA, 1972

a --

Letreiro de F-5.

Piquenique popular: carroças enfeitadas com palmas, transportando pipos de vinho; enguias e tachos nas fogueiras; peças de caça no chão; música e baile ao ar livre. O cenário tem reminiscências de Brueghel.

Camioneta de feirantes, anunciando mercadorias pelo altifalante (a mesma de A-3a).

b --

O Regedor e o Guarda-rios percorrem o arraial. De grupo em grupo, aconselham precauções com as fogueiras e vão já recrutando gente para limpar a lagoa no dia seguinte.

A lagoa agora é dos gafeirenses e esse sentimento é evidente no à-vontade colectivo.

c --

Realizador filmando um pormenor do piquenique. Ao lado dele o jovem local *que lhe serviu de assistente e de rimador em G-1b*

(Numa passagem quase momentânea vê-se o operador de O DELFIM e mais pessoal de filmagem a focarem esta cena.)

C A P Í T U L O H

1. LAGOA, 1973

É verão.

Panorâmica. Margens desertas.



começo do genérico

2. GAFEIRA, 1973

Fundo: Tema de "O DELFIM"

Panorâmica aérea da aldeia em movimento.

3. FÁBRICA DE MADEIRA, 1973

a --

Entrada da fábrica.

fim do genérico

b --

O Proprietário da fábrica vem despedir-se à porta do Padre, Realizador e Assistente.

c --

Entram no DS do Realizador.

4. A CAMINHO DE ÓBIDOS, 1973

a --

Padre: Foi aqui que o Domingos perdeu o braço.

Realizador: ^{Dom. Mota} (Deu-me a impressão que este senhor Mota não está lá muito convencido da fuga do Engenheiro.

Padre: Também a mim. Se calhar pensa que ele cavou por causa das dívidas ~~ocultas~~.

O Padre olha um dossier do Realizador que está no porta-luvas com uma fotografia por cima - a imagem do peixe santo.

Padre: Posso ver?

Realizador: São apontamentos para o filme. ~~Não se espanta.~~

Padre, olhando a foto: Por este andar você vai acabar por fazer um filme-mito.

Assistente, sorrindo: E vai mesmo.

Realizador: Filmes-mito é o que há mais no cinema subdesenvolvido.

Padre: Olhe, acolá é outro sítio onde ele costumava parar.



Realizador abranda.

Realizador, travando: Não se importa?

Padre: De maneira nenhuma.

Apeiam-se diante dum café de estrada junto a uma tosca oficina de automóveis.

O Realizador vai até à porta da oficina. O Padre junta-se-lhe a seguir e saúda os dois homens que trabalham lá dentro - o proprietário e um moço.

Padre: Boa tarde.

Proprietário e ajudante: Boa tarde, senhor doutor.

Demoram-se entre, a porta a olhar a oficina, e depois seguem para o café ao lado.

Padre: Acho que este tipo é um mecânico bestial. Pelo menos o Tomás passava horas com ele.

No café da estrada só o Realizador se decide a entrar para dar uma rápida vista de olhos.

b --

Retomam a viagem.

Realizador: Reparou quando o tal senhor Mota disse que os agrónomos não eram de fiar?

Padre: Questão de complexo, está claro. Para estes patos-bravos os agrónomos gostam mais das árvores do que da massa.

5. ÓBIDOS, 1973

a --

Turistas na rua.

Na rua principal, o Realizador, o Padre e o Assistente olham a praça da Igreja que fica um pouco abaixo deles, com a loja de antiquário ao fundo.

Padre: Aqui é que eu vi ^{diante} pela última vez o Tomás Manuel.
~~A-est~~ Acolá Vão Antiquário.

Realizador: Com o Domingos?

Padre: Não. Com uma brasa que nem você imagina. Uma loura num bruto descapotável...



54

Realizador: Loura?

Padre: Precisamente no dia em que se deu a tragédia.

b -- *parece subitaneamente (interrompe) sensibilizado com a informação. Um pouco abalado.*
O Realizador ~~começa a~~ (desce) para a praça da Igreja e o Padre e o Assistente acompanham-no.

Padre: Tanto quanto se sabe iam os dois em fim de semana. Encontraram-se aqui e seguiram...

Realizador: ... Para um Motel da serra.

Padre: *Alguns disseram?*
Pelo menos jantaram lá. Até ^{ai} parece que não há dúvidas.

Realizador: Mas porque é que ele largou a loira a meio da noite?

c -- *Da loja do antiquário saia*
De ~~Antiquário~~ sai Gatucha, a Dama das Unhas de Prata, com um embrulho que, pela maneira cuidadosa com que o transporta, se presume ser uma estatuetta.

d --

O Realizador avança na praça, agora deserta, em direcção a ela. Faz-lhe um sinal com o braço, indicando-lhe o caminho que deverá seguir para o descapotável.

Ela obedece.

A um canto do écran surgem holofotes que a iluminam fortemente. De dentro do Antiquário sai um poste de reflectores que um moço de filmagem orienta na direcção de Gatucha.

Ruido da câmara, filmando.

6. ÓBIDOS, 1971

a --

Gatucha entra no descapotável. Olha o relógio. Arruma a estatuetta.

b --

O Jaguar do Engenheiro chega ao largo. Passa vagorosamente por ela e segue por uma das ruas da saída da praça.

c --

Pelo retrovisor vê que é seguido pelo descapotável de Gatucha. *Encaminha-se para*
~~Para~~ uma garagem.

d --

Gatucha pára o carro junto do Jaguar.



Beija o Engenheiro e entrega-lhe uma mala de viagem que este põe junto da dele. Gatucha leva o descapotável para a garagem.

e --

Gatucha e Engenheiro chegam no Jaguar ao Motel.

7. MOTEL DA SERRA, 1971

a --

Da entrada do Motel o porteiro vê aproximar-se um cigano montado num burro, seguido da mulher e do filho ao colo.

b --

O cigano, vestido de negro, leva um transistor colado ao ouvido que transmite as cotações da Bolsa. O jumento é tão pequeno que os pés do cigano razam a poeira da estrada.

c --

O cigano pára junto do porteiro. Tira dos alforques uma colecção de facas de cozinha.

Cigano: Facas de aço, garantidas, de pura folha alemã... não é preciso?

Porteiro: Não, senhor.

Cigano: Ratoeiras, mata-moscas, pó para as formigas... Também não?

Porteiro: Também não.

Cigano: Então, amigo, ao menos diga-me lá as horas.

Porteiro: 6 e 25.

Cigano: A confiança?

Porteiro: A confiança. Porquê, vai para alguma entrevista?

Cigano: Vou de trabalho, e quem trabalha tem horas.

Porteiro: E acha bem que a patroa vá aí a pé enquanto você se refastela todo em cima do jerico?

Cigano: Refastelo todo? Então... Ela não tem burro...

d --

Bar deserto.

O Engenheiro bebe ao balcão. Mudou de roupa, agora veste blazer negro, camisa aberta e lenço de seda.

c --

Chega Gatucha, também em nova toilette.



56

Gatucha: Fiz-te esperar muito, amor? (Abre a mala) Olha, trouxe-te o recorte. (Para o criado:) Whisky sour.

Engenheiro, lendo o recorte: Morte subita do Conselheiro Mesquita Bernardino. De que data é isto?

Gatucha: Do dia do enterro. Mas lê que é delicioso. É o único jornal que fala de morte súbita.

Engenheiro: Não, o Popular também dizia "inesperadamente". *(Ou qualquer coisa assim.)*
(Lê:) "Segundo o médico particular do juiz-conselheiro, ~~de~~ ~~Sequeira Ramalho~~, a vítima sofria de arteriosclerose evolutiva e tinha estado recentemente em tratamento clínico na Suíça..."

Gatucha: Continua, continua...

Engenheiro: "... A excessiva actividade com que se devotava à questão nacional apressaram evidentemente o fim da sua carreira exemplar..."
Ah, esta é linda: "A excessiva actividade com que se devotava à questão nacional..."

Gatucha: Então não é?

Engenheiro: Questão nacional. Só te faltava essa, seres promovida a questão nacional. (Recomeçando a leitura:) Ontem à tarde, depois do colapso que o acometeu na auto-estrada...

Gatucha, tenta tirar-lhe o recorte da mão: Vai gosar outra.

Engenheiro: É o que está cá escrito.

Gatucha, lendo: "Ontem à noite, depois do colapso que o acometeu ao chegar à sua residência..."

Os dois quase ao mesmo tempo: "... depois de uma reunião particularmente trabalhosa nos paços do Tribunal..."

Riem.

Gatucha: Uma tarde particularmente trabalhosa...

Engenheiro: No ^{Tribunal} ~~paga~~, imagina!

Gatucha: É de loucura. Palavra que é de loucura. (Tira-



-lhe o recorte, que dobra e guarda na mala).

Engenheiro: E a boutique?

Gatucha: A boutique é minha. E o apartamento. Tudo em meu nome, e não se pode dizer que seja ^{laí grande coisa.} ~~minha~~.

Engenheiro: O chamado crime perfeito.

Gatucha: Crime, uma ova. O tipo não morreu em cima de mim, está bem?

Engenheiro: Por isso é que é crime perfeito. Deste-lhe a estocada e mandaste-lo morrer para longe.

(Bêija-a:) Louva-a-deus.

Gatucha, bruscamente: Detesto! Peço-te por tudo que não me venhas com coisas dessas.

Engenheiro, como se a não ouvisse: Sabes quem é que tem mais medo da louva-a-deus? A sério, agora não estou a brincar.

Gatucha, para arrumar o assunto: O macho, toda a gente sabe.

Engenheiro: Qual quê! O gafanhoto. O gafanhoto verde.

Gatucha, chamando o barman para disfarçar: E capaz de me arranjar umas amêndoas. Ou então scajou, tanto faz.

Engenheiro: O gafanhoto verde é que as corta como gente grande. Tem medo que ela o confunda com o louva-a-deus e o leve com ela para a cama.

8. CASA DA LAGOA, 1971

Noite.

Aninhas atravessa o pátio.

As luzes do living apagam-se.

9. MOTEL, 1971

a --

Quarto de Gatucha e do Engenheiro.

O Engenheiro, vestido à pressa, arruma a mala e bebe grandes goladas de whisky pela garrafa. Sentada no leito, tronco nu, a jovem



chora em silêncio.

b --

O Engenheiro sai com a maleta na mão.

Entra no Jaguar. Procura uma hip-bottle de whisky que mete à boca.

Arranca desvairadamente. O carro uiva, estrada fora.

10. CASA DA LAGOA, 1971

a --

O carro chega ao portão, que está fechado.

O Engenheiro abre o portão e em voz segredada manda calar os cães.

Procura as chaves nos bolsos mas não as encontra. Despe o casaco que lhe tomba no chão. Apercebe-se então de que a porta estava aberta e entra.

Acende a luz da entrada.

Senta-se ao fundo das escadas procurando recompôr-se do alcool.

Descalça os sapatos.

b --

Em meia, vai subindo as escadas, desapertando entretanto a camisa e o cinto.

Entra no quarto.

As escuras, para não acordar Maria das Mercês, despe-se e enfia-se na cama.

Silêncio.

c --

Repentinamente, acende a luz da mesa de cabeceira e dá um salto para o meio do quarto.

d --

Na cama está o Domingos. Morto e de olhos revirados.

11. LAGOA, 1971

a --

Em momentâneas aberturas de luz, o vulto de Maria das Mercês, atravessando nua a mata.

b --

A lagoa. O mar.

Silêncio.

c --

A noite a clarear. Uivar secreto de cães.



O mar forte.
A Urdiceira.
A câmara corre ao longo da lagoa.
Maior claridade.
d --
Repetição da cena a) inicial do filme.

F I M

